

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 6 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 6)

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-966-0
 DOI 10.22533/at.ed.660202301

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravo Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os levars dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos levars de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter

de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PRÁTICAS DE ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL Elaine Kendall Santana Silva Nataniele Fernandes dos Reis DOI 10.22533/at.ed.6602023011	
CAPÍTULO 2	15
PRODUÇÃO DE VÍDEOS E CONFECÇÃO DE MAQUETES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO Luzia Gomes Lira Irlei Gomes de Oliveira Andrade DOI 10.22533/at.ed.6602023012	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO SONORA, SEMIÁRIDO E POLÍTICA: OS SPOTS PRODUZIDOS PELA ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – ASA EM 2016 Anaelson Leandro de Sousa DOI 10.22533/at.ed.6602023013	
CAPÍTULO 4	35
PROJETOS DE APRENDIZAGEM E GAMIFICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR Anibal Lopes Guedes Fernanda Lopes Guedes Eliane Schlemmer DOI 10.22533/at.ed.6602023014	
CAPÍTULO 5	52
QUEIMADAS NO ACRE: UM PROBLEMA DO VERÃO AMAZÔNICO Lívia Fernandes dos Santos Fernando Neri de Arruda Jordana Souza Paula Riss DOI 10.22533/at.ed.6602023015	
CAPÍTULO 6	59
REDAÇÃO DE SURDOS: UMA JORNADA EM BUSCA DA AVALIAÇÃO ESCRITA Maria do Carmo Silva Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.6602023016	
CAPÍTULO 7	63
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ELPÍDIO BARBOS AMACIEL EM SÃO BENTO DO UNAPE: O CASO DA CLASSIFICAÇÃO DO RELEVO BRASILEIRO SEGUNDO JURANDYR ROSS Josenildo Odilon de Lima Lindhiane Costa de Farias Manoel Felix da Silva DOI 10.22533/at.ed.6602023017	

CAPÍTULO 8	66
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA INTERATIVA PARA O ENSINO APRENDIZAGEM	
Sandra Rosimere Hermes dos Santos Eronice Rodrigues Francisco Sérgio Santos Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6602023018	
CAPÍTULO 9	71
RETRATOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM ITABIRITO/MG	
José Erildo Lopes Júnior Marcos Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.6602023019	
CAPÍTULO 10	84
ROTA ACESSÍVEL – DIRETRIZES DE PROJETO DE REFORMA/ADAPTAÇÃO ESCOLAR	
Gabriel Moraes de Bem Aryane Spadotto Jorge Armino Sell Roberta Costa Ribeiro da Silva André Gustavo Müller Giovana Gonçalves Gustavo Gabriel Hoffmann Lana Stefany Neves Izidro Luis Felipe Borges Sabrina Thiem	
DOI 10.22533/at.ed.66020230110	
CAPÍTULO 11	88
SALA DE AULA INVERTIDA (ADAPTADA): FACILITADORA DO PROCESSO DE ENSINOAPRENDIZAGEM DE QUÍMICA	
Renata Gonçalves da Mata Costa	
DOI 10.22533/at.ed.66020230111	
CAPÍTULO 12	97
SELEÇÃO DE MATERIAIS A PARTIR DA ANÁLISE MICROESTRUTURAL: A APRENDIZAGEM PELA PRÁTICA E A DIDÁTICA PROFISSIONAL	
Eduardo do Nascimento Karasinski	
DOI 10.22533/at.ed.66020230112	
CAPÍTULO 13	105
SENTIDOS RETÓRICOS NAS LETRAS ALEMÃS DO MEDIEVO: CAMINHOS PARA A INTERPRETAÇÃO RETÓRICA DOS ROMANE CAVALEIRESCOS EM MÉDIO ALTO ALEMÃO (MITTELHOCHDEUTSCH)	
Marcus Baccega	
DOI 10.22533/at.ed.66020230113	

CAPÍTULO 14 113

SOROBAN COMO INSTRUMENTO TECNOLÓGICO DE APRENDIZAGEM MATEMÁTICA NA EJA

Isnaele Santos da Silva
Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra
Salete Maria Chalub Bandeira
Denison Roberto Braña Bezerra
Mário Sérgio Silva de Carvalho
Everton dos Reis Araújo
Andrea Bastos dos Santos
Conceição Lima da Silva

DOI 10.22533/at.ed.66020230114

CAPÍTULO 15 123

STRATEGOS- O JOGO DIGITAL COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE EGRESSOS DE ENGENHARIA

Marcos Baroncini Proença
Dayse Mendes
Fernanda Fonseca
Viviana Raquel Zurro
Luciano Zurro Stelle

DOI 10.22533/at.ed.66020230115

CAPÍTULO 16 130

TEORIA HUMANISTA, TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E TEORIA DA INSTRUÇÃO PRESCRITIVA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO CONTEMPÔRANEA

Elivania Toledo Rodrigues
Silvana Mara Lente
Odenise Jara Gomes
Vania de Oliveira Silva
Elisangela de Oliveira Silva
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Marinalva Pereira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.66020230116

CAPÍTULO 17 140

TRADUÇÃO E ALTERIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE LE A CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL

Rosanne Castelo Branco

DOI 10.22533/at.ed.66020230117

CAPÍTULO 18 149

TRANSDISCIPLINARIDADE E NEUROCIÊNCIA DA APRENDIZAGEM EM UM CONTEXTO DE HORTA ESCOLAR

Nágila Maria Silva Oliveira
Roberto Mamedio Bastos
Kelly Cebelia das Chagas do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.66020230118

CAPÍTULO 19	154
TRANSPORTE SUSTENTÁVEL E FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CICLISMO NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO PROSA (PEP) EM CAMPO GRANDE/MS	
Guilherme Pires Veiga Martins Edson Pereira de Souza Icléia Albuquerque de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.66020230119	
CAPÍTULO 20	169
UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES: TRABALHO, IDENTIDADE, AUTORIA E SEUS SILENCIAMENTOS	
Alexandra Tagata Zatti Tânia Regina Raitz Kátia Regina Hillesheim	
DOI 10.22533/at.ed.66020230120	
CAPÍTULO 21	178
VIAGEM NOS MAPAS	
Lia Margot Dornelles Viero Elsbeth Léia Spode Becker Natália Lampert Batista	
DOI 10.22533/at.ed.66020230121	
CAPÍTULO 22	192
INOVAÇÃO NOS CARDÁPIOS DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/SC	
Vanessa Fernandes Davies Marcela Kruger Correa Emanoelle Nazareth Fogaça Marcos Nicole Pelaez	
DOI 10.22533/at.ed.66020230122	
CAPÍTULO 23	203
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO AMBITO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Silvana Mara Lente Odenise Jara Gomes Vania de Oliveira Silva Elisangela de Oliveira Silva Solange Teresinha Carvalho Pissolato Marinalva Pereira dos Santos Elivania Toledo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.66020230123	
CAPÍTULO 24	214
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DA RECEPÇÃO DO POEMA DO AUTOR CRAVEIRINHA, COMO SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA E DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM MOÇAMBIQUE	
Altair Sofientini Ciecowski	

Amarildo Bertasso

DOI 10.22533/at.ed.66020230124

CAPÍTULO 25 220

MÉTODOS INOVADORES NO PROCESSO DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE:
UMA ANÁLISE COM TURMAS DOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
COMUNIDADES CARENTES NO ENTORNO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA

Danilo Marcus Barros Cabral

DOI 10.22533/at.ed.66020230125

CAPÍTULO 26 228

CORPOS-TEXTO NA IMENSIDÃO DE HISTÓRIAS INCOMPLETAS: A SEXUALIDADE
COMO DISPOSITIVO DE SENTIDOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Luiz Henrique Moreira Soares

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Maria Regina Momesso

Débora Cristina Machado Cornélio

Andreza de Souza Fernandes

Monica Soares

Carlos Simão Coury Corrêa

Valquiria Nicola Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.66020230126

SOBRE A ORGANIZADORA 245

ÍNDICE REMISSIVO 246

CORPOS-TEXTO NA IMENSIDÃO DE HISTÓRIAS INCOMPLETAS: A SEXUALIDADE COMO DISPOSITIVO DE SENTIDOS

Data de aceite: 02/01/2020

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Luiz Henrique Moreira Soares
Heitor Messias Reimão de Melo
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Maria Regina Momesso
Débora Cristina Machado Cornélio
Andreza de Souza Fernandes
Monica Soares
Carlos Simão Cury Corrêa
Valquiria Nicola Bandeira

RESUMO: Partindo dos pressupostos dos estudos *queer* e dos estudos de gênero, que reverberam o desejo de desconstruir a linguagem para que outros corpos e vivências caibam no caráter humano de sujeito, o presente artigo inscreve-se na tentativa de investigar o processo de construção das identidades de mulheres travestis e transexuais, protagonistas dos contos “Nascer é muito cumprido”, “Existir é dar um jeito” e “O corpo está de mudança”, que fazem parte da obra *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres* (2016), do escritor e jornalista pernambucano, Chico Ludermir. Ao narrar histórias de onze mulheres trans e travestis recifenses, a obra vislumbra-se em uma potente “poética do resto”, baseadas nas memórias e dores de corpos atravessados pelo

discurso – corpos transitórios e “encarnados” pela atividade literária, em sua capacidade de dar sentido aos amútiplos “resíduos de experiências fraturadas pela violência do vivido”.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres trans e travestis; Representação; Personagens; Poética do resto.

INTRODUÇÃO

O que pode um corpo-sujeito que excede as fronteiras? O que pode um corpo-sujeito que habita o espaço do atravessamento e do “resto”?

O “resto” é algo como o desalinho da completude. Aquilo que está além. Para além do completo. Excedido. Fragmento remanescente, *outside*. Mas a palavra “resto” é tão problemática quanto qualquer outra palavra que ambicione ter seu significado expandido. Desviar o olhar para o significado da palavra “resto”, que também deve ter algo a ver com “anonimato” e “desconhecimento”, poderia significar um “vestígio”, e até mesmo um “deslocamento”. O “resto” poderia designar, quando falamos de corpos, desejos e afetos, a parte selvagem e contrária, a fratura exposta da “ordem” e o que ela implica em corpos e vidas abjetas. Mas o que pode, afinal, um

corpo-sujeito, que antes de tudo é texto e discurso, uma tradução própria de outros modos de ser e estar no mundo?

Susan Sontag, ao escrever *A consciência das palavras*, em 2001, na ocasião em que recebia o Prêmio Jerusalém, o mais importante prêmio literário de Israel, reconhece que as palavras estão imbuídas de enormes cargas significativas e que elas significam historicamente. Assim a autora afirma:

Palavras significam. Palavras apontam. São flechas. Flechas cravadas na pele dura da realidade. E quanto mais portentosa, mais geral for a palavra, mais também se parecerá com um quarto ou um túnel. Elas podem expandir-se, ou bater em retirada. Podem impregnar-se de mau cheiro. Muitas vezes nos farão lembrar outros quartos, onde gostaríamos de morar, ou onde achamos que já estamos vivendo. Elas podem ser espaços onde não podemos habitar, pois perdemos a arte ou a sabedoria para tal. E por fim aqueles volumes de intenção mental que não sabemos mais como residir serão abandonados, lacrados com tábuas, trancados. (SONTAG, 2005, p.103)

“Elas podem ser espaços onde não podemos habitar (...)”: aí reside, então, uma das prerrogativas iniciais deste texto, que é justamente pensar o poder presente nas palavras para produzir esse espaço de “habitação do outro”, espaço que confirme a existência do “outro”. Em 1974, o cantor e poeta Belchior também escrevia e cantava sobre as palavras na canção *A Palo Seco*, uma das mais emblemáticas do seu primeiro álbum. Com versos que sintetizavam uma clara referência à poesia de João Cabral de Melo Neto, a canção constitui-se de uma potência rítmica de ranger dentes: *e eu quero é que esse canto torto/ feito faca/ corte a carne de vocês*. Nesse sentido, cortar a “carne” por meio de um “canto torto”, significaria, propriamente, o projeto estético de Belchior: cantar a vida árida e seca que se vive – não apenas negar ou não se acostumar a esse modo de cegueira branca, mas fazer da palavra dura um instrumento de rasgo das “sedas da conformidade”. E é pela linguagem que tudo isso se dá, é ela quem nos faz “tocar levemente na seiva da vida”; é pela linguagem que se consegue trazer as coisas até nós – fazê-las coisas.

Se a literatura se alimenta da palavra, e da palavra se serve de instrumento para a linguagem, percebe-se aí a existência de um jogo: a palavra não é matéria estável e ahistórica – ela também pode produzir a não-existência, a negação; e por isso a palavra caminha em uma linha tênue. Por um lado, ela pode simplesmente reafirmar a tradição, a regra, a verdade, a norma, andar conforme institui o sistema heterocentrado; de outro, ela pode esgarçar as malhas do poder e os espaços restritos da linguagem para que outros corpos e vidas possam caber: reivindicar o direito à linguagem, que é, sobretudo, um direito à difícil tarefa do “tornar-se humano” – humanização pela palavra.

Desse modo, os corpos-texto de travestis e mulheres trans encaixariam nesse espaço entendido como “resto” – um espaço indizível e de inexistência, mas, ao

mesmo tempo, um espaço de produção subjetiva dissidente, não-hegemônica; um espaço dos prazeres, do desejo de ser a incompletude que sobra.

A palavra “resto”, em seu significado dicionarizado, tem a ver com “o que falta para completar”, “diferença”, “despojos mortais”, e até mesmo “ruínas”. Traduzida para o inglês, a palavra significaria *rest*, abarcando outros inúmeros sinônimos: *refuse* (refugo), *residue* (resíduo), *leftover* (sobra), chegando, até mesmo, a se relacionar ao sentido de *rot* (podridão) e *carrion* (carniça, carne putrefata) – esse último estando inteiramente ligado ao sentido de “carne corrompida”, “decomposta”. Em outras palavras, o “resto” é justamente o espaço onde residem os corpos que atravessaram/atravessam, em uma revelia semântica, a suposta essencialidade das palavras e das coisas; corpos que corromperam seus “destinos biológicos”; corpos contaminados que carregam em si, ao mesmo tempo, o que tem de excessivo e incompleto. Nesse sentido, quem não atravessa reitera-se no (cis)tema (sistema cisgênero), na sua “normalidade”, no seu caráter de não-desvio, carne aprazível e amena que habita o espaço da completude e da significação – no seu caráter “integral” e “ordenado”.

Mas, quais outros significados poderia ter, nesse contexto, a palavra “resto”? O que poderia significar, de forma ainda mais problemática, uma “poética do resto”? É fato que existe uma complexa gama de significações e proposições no termo “poética”, mas o uso dessa expressão, nesse ensaio, reside na carga discursiva presente ao final do ensaio *Sobre Geni e Gisberta: baladas e amores trágicos* (ou um relato de uma experiência estética dupla, acompanhado de alguns poetas e poemas), escrito pelo professor Emerson da Cruz Inácio e publicado na coletânea *Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer*, organizado por Mário César Lugarinho, em 2012.

Nesse ensaio, Inácio analisa a configuração do corpo literário de travestis em obras artísticas e as suas existências oscilantes, além de traçar um breve panorama das significações e problemáticas da experiência de “corpos em destroços” no discurso literário. O autor encara o texto literário como um espaço de produção de identidades e de corporeidades em um “processo que mistura desejo e morte, violência e vida, sacrifício do corpo abjeto, antropofagia, chacina, carnificina” (INÁCIO, 2012, p.33). Ele destaca, ainda, por meio de uma metáfora da própria criação poética, o que poderia significar a construção e experiência do corpo transgênero:

é um procedimento estético-literário oriundo do desejo de um corpo em transformação, em deriva identitária, todo ele performance de gênero, identidade, trans-formação. Ao que redundo do “vir a ser” de que nasce toda obra literária e sofre o que se faz também o corpo travesti, nas suas múltiplas potências. (INÁCIO, 2012, p.34)

No sentido de observar, justamente no espaço privilegiado do poema e da

criação artística, a possibilidade de uma “poética do resto”, ou seja, um espaço de produção da identidade travesti por meio de outras perspectivas que não sejam aquelas que vigoram na ordem social vigente, é que se cria e se principia, segundo Inácio (2012) uma nova ontologia.

Provavelmente possa-se criar, a partir/por meio do referido ensaio uma discussão que seja capaz de atribuir uma força pujante nesta expressão: “Poética do resto” – lugar possível para a reafirmação de certos corpos e vivências que não usufruem da “completude”, da civil materialidade das vidas em “rota consolidada”. Aqui, mais outra palavra para se agregar ao “resto”: *queer*¹. Palavra tão mais velha e tão mais problemática, que possui uma história que a signifique e lhe dá profusão política.

Como aponta Richard Miskolci (2012, p. 24), a proposta do *queer* não é justamente a homossexualidade, mas o caráter da “abjeção” em determinados corpos que eram/são constantemente repugnados, que experienciam a recusa e o temor social sobre suas vivências – a percepção de seu corpo como uma ameaça à ordem social (seria justamente a ideia de um corpo socialmente putrefato?); corpos que congestionam a trilha da ordem vigente. Sob um olhar no “resto” é que vai procurar se firmar os estudos *queer*, questionando os valores sociais e seus engendramentos, a produção dos estigmas, de forma a recusar “os valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo.” (MISKOLCI, 2012, p. 25).

Uma das mais importantes teóricas desse campo de atuação é a filósofa e professora norte-americana Judith Butler. Sua obra se situa no contexto de tentativa da construção de um conhecimento que mostra o caráter socialmente construído do gênero e do sexo, de forma a rejeitar os binarismos e desconstruir a ideia de um sujeito feminino e masculino puramente essenciais. A contribuição de Butler aos estudos de gênero, principalmente após a publicação do *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990), reside no fato da filósofa colocar em cheque a essencialidade da categoria “mulheres” – até então entendida como o centro da lógica política feminista. Esse questionamento não abarca somente problemática da universalidade desse sujeito feminino, mas também que medida esse sujeito feminino vem a existir pela ordem heterocentrada do sistema sexo/gênero: sexo

¹ Ao tratar das origens do termo *queer*, Richard Miskolci (2012) destaca que a palavra surgiu no contexto de luta dos movimentos LGBT, ainda na década de 1980, sendo sempre ligada ao questionamento amplo e complexo da prescrição de identidades previamente dadas, socialmente controladas e normalizadas – algo como um “impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea” (p.21), que se deu tanto nas ruas quanto nos espaços universitários. Assim, por meio de um impulso intelectual disperso, com produções acadêmicas oriundas de diversos países, surgirá o que ficou conhecida como “Teoria *queer*”, ou, em um termo mais aberto: estudos *queer*. A cristalização desse campo de atuação política e crítica se deu no contexto do surgimento da epidemia da AIDS, na segunda metade da década de 1980, sendo entendida como uma construção cultural que a delimitava como DST e rechaçava as vivências homossexuais.

como categoria “natural” e gênero como construção social. Butler avança, então, na desconstrução dessa lógica, revelando que tanto o sexo quanto o gênero são construções sociais e discursivas. Sobre o caráter discursivo do gênero em Judith Butler, Chatagnier (2015, p.147) afirma:

Ser construído discursivamente significa poder afirmar que tanto o sexo quanto o gênero são constructos culturais e exigem um domínio discursivo para ocorrer. Assim, chega-se à ideia de que tudo pode ser construído por meio do discurso, e que este discurso deve estar inserido em uma comunidade, na qual determinados valores são considerados a fim de que se possa formar uma imagem, no entanto, ainda não fixa, de si mesmo.

O que fica evidente é que as categorias de “masculino” e “feminino” já não denotam mais, respectivamente, às categorias “homem” e “mulher”, uma vez que a “biologia” não denota sanções sobre os destinos dos corpos. Aqui, então, reside uma dos conceitos-chave do pensamento de Butler: a noção de *performatividade*. A ideia de uma construção pelo discurso tem a ver com uma performatividade – que entende o gênero como uma “estilização repetida no corpo”, ou “uma contínua repetição de certos atos ritualizados dentro de um contexto, que, com o tempo, tornam-se inerentes ao sujeito, constituindo-os.” (CHATAGNIER, 2015, p. 148).

Butler afirma que tais atos contínuos de repetição não devem ser entendidos como parte de uma projeção “biológica” do sujeito, uma vez que a categoria de “sexo” também carrega determinado caráter performativo, ou seja, um corpo tido como “feminino” pelo (cis)tema não necessariamente produzirá o que é entendido como sendo “feminilidade”:

Se o gênero é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de um significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também os aparatos mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou um “sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2003, p. 25)

Assim, ao ato de nomear um corpo como sendo de “menina” ou de “menino”, partindo da observação dos “órgãos genitais”, – tão prostéticos e construídos no discurso quanto o gênero – “como se os olhos fossem finalmente os encarregados de estabelecer a verdade do gênero verificando a correspondência entre órgãos anatômicos e uma ordem sexual ideal binária” (PRECIADO, 2017, p. 136), constitui-se como ato performativo de construção dos corpos e de significação deles dentro do sistema heterossexual:

A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou

de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda a força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. Assim, o “sexo” é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o “sexo” é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada dessas normas. (BUTLER, 2000, p. 151-152)

Butler recusa os binarismos, pois são deles revigoram toda a ordem hegemônica ocidental. Nesse sentido, os discursos jurídicos, religiosos e médicos, assim que percebem a “fratura” no sistema binário vigente, produzida por sujeitos que atravessam as fronteiras meramente instáveis do gênero, como as travestis, as/os transexuais e as pessoas intersexuais – coloca-se em cheque a essencialidade desse (cis)tema e como ele age no controle dos corpos e no que se diz sobre esses corpos. Por se revelarem como “aquilo que não deu certo”, “aquilo que saiu da norma”, esses corpos passam pela categorização patológica. Por justamente estarem posicionadas no espaço do “resto”, como corpos que sobram à norma, muitas dessas existências são relegadas ao caráter do abjeto. Nas palavras de Judith Butler (2000, p. 153):

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio de sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. (...) Nesse sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio.

Claramente, essa produção do que se designa um ser abjeto e a manutenção de status de “sujeito” que privilegia a ordem heterossexual e cisgênera, não se dão apenas no âmbito das diferenças de gênero: elas se relacionam e se cruzam com outras diferenças, seja de classe social, raça/etnia e orientação sexual. Assim, o ser abjeto designaria justamente aquilo que sobra da ordem vigente, aquilo que serve apenas para, em alguns discursos, reafirmar o caráter essencial dos corpos – seja pelo repúdio, seja pela atribuição de um caráter “estranho”, “incompleto”, anormal. Por outro lado, é o abjeto que prova a falha no/do (cis)tema, que revela os poderes e controles que regem e interpelam os corpos.

Mas, então, se é no regime heterocentrado (completo e ordenado) que a exclusão e a abjeção são produzidas, e, no qual, relega determinados corpos às zonas de abjeção, como produzir e fazer-se sujeito nesses espaços do “resto” (incompleto e

desordenado)? Como ressignificar o “resto” e torná-lo espaço habitável?

A literatura nos oferece meios para pensarmos em tais questões. Escrever é um ato extremamente simbólico. Nele reside a capacidade de produzir de deslocamentos, de movimentos. Quem se defronta com um texto estabelece-se na escuta, na possibilidade de ouvir outras vozes, a aptidão para, num exercício contínuo, interpretar o mundo. A escrita, em todo caso, nos parece um ato de produção de si e do outro. Como diria Michel Foucault, em seu *Corpo utópico*, o exercício da escrita não seria nada mais do que a possibilidade de criação de outros espaços por meio da escrita. Assim, o presente texto, partindo das problemáticas expostas, busca um deslocamento, mesmo que mínimo: se inscreve na tentativa e no desejo de investigar o processo de construção das identidades de mulheres travestis e transexuais, protagonistas dos contos “Nascer é muito cumprido”, “Existir é dar um jeito” e “O corpo está de mudança”, que fazem parte da obra *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres* (2016), do escritor e jornalista pernambucano Chico Ludermir.

Literatura e a produção de vidas vivíveis no “resto”

O discurso literário, como todo e qualquer discurso, constrói, reafirma e revela. Segundo a professora Eurídice Figueiredo (2018, p. 53), se é por meio da literatura que se pode “entrever as subjetividades em suas diferentes facetas, em seus estilhaços de sentidos, resíduos de experiências fraturadas pela violência do vivido”, como possibilitar a expansão de outras experiências vivíveis e importantes dentro dos jogos hierárquicos do poder?

A literatura contemporânea, como território de disputas do nosso tempo, é uma das maneiras de representar as vivências. Mas sua atuação como instituição, entretanto, ainda está marcada pela manutenção de poderes excludentes, servindo, por muitas vezes, de uma política masculina e heteronormativa (DALCASTAGNÈ, 2012; NIGRO, 2015). Ao mesmo tempo em que ela parece estar regida por um cânone, uma tradição embasada nos pilares hetero-machista do Ocidente (patriarcalismo, arianismo e moral cristã), ela também parece, por meio de obras literárias produzidas por grupos marginalizados, produzir as próprias rupturas desse sistema, uma vez que:

[...] a ficção quebra os signos e os artefatos do considerado essencial e os recompõe com a invenção, a fragmentação. Ao reavaliar os espaços ocupados pelo gênero na obra literária, reavaliam-se os papéis das personagens femininas/masculinas e cria-se o lugar para a ruptura. (NIGRO, 2015, p. 16)

Se as personagens travestis e personagens transexuais ocupavam, até o final do século XX, o espaço negativo da rua, da prostituição e da morte, sendo configuradas

a partir de um olhar heterocentrado, na contemporaneidade abra-se a possibilidade de questionar tal atribuição de papéis e produzir as dissidências desse discurso hegemônico e excludente. Por não representarem o papel de “sujeito essencial”, tais identidades configuram-se sempre no entre-lugar, no deslocamento, na produção de espaços vivíveis fora da ordem heterocentrada por meio da produção de estratégias específicas de resistência. Nesse sentido, comenta Regina Dalcastagnè (2012, p. 95)

[...] em toda narrativa se disputam desde o direito de contar a própria história – com as implicações que esse processo acarreta, especialmente no que diz respeito à demarcação da identidade – até a possibilidade de reinterpretar o mundo, ainda que lhe emendando um outro. Em meio à luta, não é de se estranhar que personagens, narradores, e mesmo autores, lancem mão de qualquer recurso disponível para lhes garantir a legitimidade de fala.

O discurso, nesse sentido, é a instância controladora e produtora das “verdades”. O modo como determinadas personagens são interpretadas e concebidas revelam claramente o julgamento e os preconceitos sociais que seus corpos e vivências carregam no âmbito social. É fácil para o leitor concordar com determinada representação estereotipada, uma vez que a sociedade se organiza e se estrutura a partir de proposições de exclusão e rechaço. As travestis, nesse aspecto, estão saturadas de exclusão e rechaço: por se tratarem de vivências identitárias latinas, marcadamente pobres, fazem parte do grupo mais violentado do Brasil; por constituírem-se a partir da condensação de imagens do masculino e do feminino, reinventando-as e construindo uma forma própria de vivenciar a sua corporeidade (KULICK, 2008, p. 28), seus corpos tornam-se alvos de constantes violências, invasões e disputas.

As identidades travestis, como personagens literárias, analisadas por Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (2016), configuram-se discursivamente e permitem construir uma visão sobre como seus corpos são enxergados socialmente: narrativas com desfechos trágicos, imagens estereotipadas, relações de poder em torno das questões de gênero e sexualidade, rechaço cultural, opressão e violência. Porém, ao mesmo tempo, embora se configurem a partir de temas recorrentes, muitas personagens percorrem “trajetos de ‘reinvenção de identidade’, e mais ainda: reivindicam, em seu discurso, um espaço legítimo na sociedade.” (FERNANDES, 2016, p.17)

Nessa esteira de obras literárias contemporâneas, que visam construir representações mais dignas e humanas dessas personagens, inscreve-se a obra *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres*. Publicada em 2016, pelo jornalista e escritor Chico Ludermir, tal produção é composta por onze contos sobre as vivências e experiências de mulheres trans e travestis da cidade de Recife². O

2 Ludermir conta que o projeto de publicação desse livro surgiu a partir de um convite do Núcleo Integrado

trabalho desenvolvido parte de mais de três anos de pesquisas e entrevistas com onze mulheres trans e travestis recifenses, que tiveram suas histórias escritas, inscritas e contadas por Ludermir a partir de seus próprios relatos. Entre as narrativas, Ludermir acrescenta um ensaio fotográfico de cada uma das personagens, retratando, de forma delicada e complexa, cenas cotidianas dessas existências anônimas.

Vale destacar, antes de nos atentarmos aos contos em questão, que os debates acerca da representação literária do “outro” têm um ponto marcante na história da literatura brasileira, principalmente depois da publicação da obra *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector. Nessa obra, o narrador Rodrigo S.M. é encarregado de contar a história da migrante nordestina Macabéa, descrita desde o início como aquela que “mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (LISPECTOR, 1995, p. 23). Ao narrar sobre a nordestina, Rodrigo S.M. revela a si mesmo por meio de seus preconceitos e misérias. Quando esse narrador, apesar da resistência, decide contar a história de Macabéa, ele opta por narrá-la com objetividade e clareza, atentando-se apenas aos fatos – pois uma pessoa como ela, pobre e raquítica, não é dado o direito da sensibilidade e da subjetividade. Sobre esse aspecto, Dalcastagnè (2012, p. 52) comenta:

Rodrigo S.M. – escritor de Macabéa e narrador de si – é duplamente suspeito. Primeiro, porque é um intelectual falando sobre uma mulher pobre (e reafirmando seu preconceito); depois, porque usa a miséria de sua protagonista (que se torna ainda mais lastimável sob sua escrita) para não parecer, ele mesmo, tão miserável. É claro que essa suspeição não existe por si só, ela vai sendo construída *junto* e *no* discurso de Rodrigo. Ele é quem denuncia, quem chama a atenção, Lispector o incumbiu também de ser humano: forte o suficiente para esmagar o outro, fraco o bastante para deixar cair a própria máscara (ou seria o contrário?).

Nesse sentido, tomando como exemplo o narrador de Macabéa, o que fica explícito é a necessidade de encarar o fato de Ludermir ser um escritor cisgênero e gay e escrever sobre mulheres trans e travestis – e os impasses que estão imbuídos aí. Sobre esse ponto, o próprio autor escreveu ao Suplemento Pernambuco:

Escrever um livro sobre pessoas trans e travestis sendo um homem cisgênero, ainda que gay, além de me possibilitar a transformação a partir do encontro com um “outro”, inseriu-me nos debates de “representatividade” e de “lugar de fala”. Fez com que eu repensasse intensamente meus papéis como escritor e como sujeito que se deseja comprometido na transformação social. Alguns reconhecimentos são necessários porque descortinam desigualdades estruturais: a minha socialização cis masculina me concedeu privilégios que, ao final, me permitiram tornar-me jornalista, escritor e artista visual, ao mesmo tempo em que reservava a noite e a prostituição como único espaço possível para a maioria delas (...) Desse meu lugar, cabe-me o compromisso com a representação afirmativa, humana e respeitosa de grupos sociais estigmatizados, sabendo que o simbólico é convertido em real. Ou que a realidade humana é simbólica. (LUDERMIR, 2017, p. 3)

de Saúde Coletiva da Universidade de Pernambuco. Além do livro, o material transformou-se em uma exposição de fotografias, uma série de 10 curtas-metragens disponíveis no *You Tube*, além de um futuro longa-metragem.

Conforme visto, o mesmo processo revelado por Rodrigo S.M. parece configurar no ato de escrita de Ludermir. A diferença é que, no caso de Ludermir, a proposição é justamente enxergar a “beleza na incompletude”, e de que modo esse encontro com a incompletude do “outro” consegue mover e ressignificar a sua atividade literária e de leitura do mundo. Maria Clara Araújo, pedagoga e professora, já no prefácio da obra, comenta a necessidade de se produzir o “deslocamento” das imagens e narrativas únicas, e que se possa visibilizar e reconhecer a importância simbólica de outras narrativas, de outras histórias alternativas – mais humanas e mais legítimas:

Precisamos não só conseguir enxergar as mulheres e travestis que se abriram para o nascimento dessa publicação, mas proporcioná-las o direito de fala e de serem ouvidas. Dessa forma, existirá a demarcação de que uma nova história está sendo escrita. E que, nessa nova versão, o protagonismo é nosso. A produção da minha identidade vai de encontro, necessariamente, com a produção do “outro”. Porém, que possamos permitir a criação de algo que não tenha sido escrito apenas por um único lado. Que outras narrativas possam existir. E que possam ser vistas. Que estampemos com nossos rostos, narremos nossas vivências, criemos a imagem do ambiente vivido e coloquemos o ponto final quando preciso, mas as reticências na esperança de continuarmos (r)existindo. (ARAÚJO, 2016, p. 12-13)

Em todo caso, as narrativas de Ludermir conseguem apresentar, com delicadeza, a complexidade das vivências de mulheres trans e travestis – não apenas com foco nas violências ou na subalternidade vivida, mas demonstram a força empenhada por tais personagens-pessoas para ressignificar suas vivências e ocupar espaços que lhe foram historicamente negados. Assim, escolheu-se, para este artigo, três dessas narrativas, a saber: “Nascer é muito cumprido”, “Existir é dar um jeito” e “O corpo está de mudança”.

No conto “Nascer é muito cumprido” o que se evidencia, inicialmente, é a ressignificação do entendimento sobre o que é ser uma travesti. A história da protagonista Luana, como montagem de imagens fotográficas e de memórias, sobrepõe-se, de forma particular, às narrativas comumente construídas sobre os corpos e as vivências travestis: casada há treze anos com Altair, Luana é confrontada constantemente pelo desejo e pela necessidade de reinvenção, tanto do afeto e dos relacionamentos, como de si mesma. Um dia, ao repousar do lado esquerdo da cama que dividia com Altair, Luana percebe que o colchão continha o formato exato do corpo de Altair:

Não tinha como se deitar naquela cama e não lembrar dele. Nem só pelo tempo – mais de um terço da vida num relacionamento que começou quando tinham vinte e poucos anos –, mas porque, quando o universo parecia muito grande e Luana se sentia miúda, era só Altair que dava conta. Fazia-lhe comida, levava na cama. Massageava seus pés e contava histórias até ela dormir. (LUDERMIR, 2016, p. 72)

É no colchão que guarda o formato exato dos corpos de Altair e Luana e nas doze fotografias pregadas na parte oposta da cama – cada uma representando um ano de namoro – que se vê a reinvenção de cada um, o processo de produção de possibilidades de amar, de produzir novas formas de afeto, reinventar quem se é e perceber e admitir que o desejo é instância muito maior do que termos técnicos e meramente essenciais como “mulher” ou “corpo feminino”. As doze fotografias representam essa mudança e essa construção do corpo que Luana vê no espelho hoje: ao passar os olhos pelas doze fotografias, elas compõem-se como uma “arqueologia” do processo de construção de si e do “outro”; seja quando Luana ainda se apresentava “com o nome e o corpo antigos”, seja pelos detalhes dos rostos de Luana e Altair, por vezes parecidos, e a cor preta e artificial de seus cabelos; ou pela possibilidade de tais fotografias servirem como uma “segunda memória”, onde se captam e se imortalizam as escolhas de Luana:

6ª A última foto da fileira de cima, no canto direito, remete a uma escolha. Há seis anos Luana resolver começar a hormonização. Tinha sido convidada para ir trabalhar na Alemanha e, para isso, deveria silenciar suas características físicas masculinas ao máximo e o quanto antes. Foi neste momento que pediu indicação para injetar silicone nos quadris. (LUDERMIR, 2016, p. 73)

Mas a sequência fotográfica, na qual se defronta a personagem, não só mostra “aquilo que se deu”, como também mostra “aquilo que não houve”. Na foto seguinte, a sétima, não mostra o casal na Alemanha e nem os efeitos dos hormônios – logo o desejo de Luana de “apresentar-se mulher” foi ofuscado, se questionando, até mesmo, “se a mulher não estava pronta para nascer no corpo” (LUDERMIR, 2016, p. 74). Se as fotografias se apresentam, nesse aspecto, como uma “arqueologia” do processo de construção de quem é Luana, confrontada constantemente com o sentimento de que “não sentia que era o que queria”, as fotografias então carregariam esse “devir” da identidade travesti e do empoderamento do seu corpo e da sua existência como tal.

A apresentação feminina durava o tempo da noite. Adorava ser desejada como mulher. Quando amanhecia, voltava rapaz. E já não sabia quando se referir a si no feminino ou no masculino. Se a linguagem é a nossa maior forma de externalização, para Luana ela representava todas as dúvidas e angústias e internas de um novo signo por nascer. “è preciso ter muito preparo emocional para ser o que se é”, repetia, angustiada. (LUDERMIR, 2016, p. 75)

Para Luana, a linguagem tem suas dúvidas e angústias. E por isso é espaço constituído para enfrentamento, uma vez que é pelo discurso que se constroem sujeitos e corpos. As travestis, em particular, sempre foram atravessadas por inúmeros discursos, especialmente médicos e psicanalistas, que ditam e controlam as significações de suas vivências, reduzindo-as, muitas vezes, à mera definição

de “hombres que se visten com ropas que corresponden a las mujeres” (BERKINS, 2012, p. 222). Quando Luana percebe a complexidade da linguagem e do seu poder de dizer sobre si, ela constrói esse espaço de enfrentamento e de resistência às definições patológicas do discurso médico e social, uma vez que o processo de construção da identidade travesti, embora se dê neste entendimento da ordem binária (homem/mulher, masculino/feminino, ativa/passiva), ele não se ata nos binarismos: pelo contrário, ao produzir uma feminilidade, a identidade travesti porta-se como um questionamento da cultura dominante (que lê os sujeitos a partir de suas genitálias), como um rompimento das categorias estanques de “homem” e “mulher” por meio de práticas (discursivas e prostéticas) que reinventam e desestabilizam tais categorias (BERKINS, 2012, p. 223).

A retomada da hormonização e o processo de construção do que ela entendia como “mulher” causa estranhamentos ao casal. Luana reconhece as dificuldades de aceitação por parte de Altair. Muitas vezes duvidou que seu parceiro pudesse amá-la em um “corpo feminino”, posto que fosse a própria reinvenção dos relacionamentos convencionais: “Agora eram um novo casal. E eram. Não mais dois homens, nem mais dois gays. Agora um homem e uma mulher, por mais que até hoje Luana sinta que o termo não corresponda à realidade.” (LUDERMIR, 2016, p. 78-79)

Esses impasses, que estavam claramente relacionadas a um adestramento do desejo e do prazer “anatômicos” sempre condicionados a uma ordem binária heterossexual/homossexual: “O centro do sexo não era mais o pênis dela, que até tinha mudado de forma e tamanho. Ao ser penetrada, sentia orgasmos mesmo sem ejaculação. ‘Ele dizia que me amava enquanto menino. Quando fazia sexo comigo, parecia que sentia nojo’” (LUDERMIR, 2016, p. 79), não romperam com o afeto que um sentia pelo outro:

Jantaram juntos e depois do banho de Luana Altair lhe escovou os cabelos e lhe ajudou na retirada dos pelos do peito, queixo, sobrancelha, axila, cantinho e bunda com uma pinça. Achavam graça naquela situação de dor e de intimidade extrema. (LUDERMIR, 2016, p. 81)

Ao final do conto, depois de rever essas memórias e processos de si, Luana, deitada no sofá, Altair volta do trabalho e lhe ajuda a retirar os pelos do corpo. Altair tomou banho, se deitou ao lado de sua esposa, no molde afundado do colchão e “quase pegando no sono, sentiu a presença de Luana” (LUDERMIR, 2016, p. 81).

Há, ainda, existências anônimas que são ainda mais anônimas, mas que se materializam e resistem graças à memória: essa é a história de Mariana, protagonista do conto “Existir é dar um jeito”. O conto começa enfatizando a razão do anonimato de Mariana conforma-se com um aspecto de não-existência: “Mariana não tem celular. Nem e-mail. Nem Facebook. Mesmo assim ela existe. Sei que existe, a despeito de

todos os índices contemporâneos de inexistência” (LUDERMIR, 2016, p. 95). De fato, a “não-existência” de Mariana diz respeito a uma “não-existência” que é social e política. Como um corpo que transita pelas fronteiras de gênero, se esconde e caminha pela favela do Pilar, Mariana carrega na pele as marcas da exclusão:

Sabia que morava na favela do Pilar, por trás da sede da Prefeitura do Recife. Sabia que, durante o dia, costumava trabalhar fazendo apliques de cabelo em outras travestis. Lembrava de sua magreza, de sua cor negra, dos seus poucos cabelos e de uma cicatriz que cortava toda a barriga. Lembrava da sua forma de olhar, tanto triste, tanto agressiva, e da sua forma de falar, em frases curtas. (LUDERMIR, 2016, p. 95)

Mesmo não tendo redes sociais, Mariana existe. Apesar de toda a inexistência construída sobre a sua figura, Mariana existe na complexidade com que enfrenta a vida, levando tiro de cliente na vez que se recusou a fazer um programa ou apanhando do pai com um cipó arrancado de araçá, porque, quando tinha seis anos, fantasiava-se como uma figura feminina e “cuidava de suas irmãs como uma mãe e beijava o coleguinha como marido” (LUDERMIR, 2016, p. 97). Mariana existe no silêncio das frases curtas, existe na sua forma de falar – triste e agressiva –, existe no seu cheiro cotidiano de exclusão, reafirmado pelo Estado pela desvalorização social, que se apresenta na forma de violências físicas e simbólicas. Para as travestis, como Mariana, “la muerte no tiene nada de extraordinário; es una experiencia cotidiana” (BERKINS, 2012, p. 226). Isso porque o caráter abjeto de corpos e vivências como a de Mariana, significa como uma criminalização de suas próprias identidades; uma criminalização que rechaça as possibilidades de suas identidades serem lidas como sociais e políticas.

Na imagem de Mariana encostada em uma “casa quase em ruínas”, alocam-se outras imagens: a de mulher negra, poucos cabelos e dentes, dedos tortos devido aos golpes de capacete. E são essas imagens que constituem Mariana, não apenas como a protagonista desse conto, mas como identidade que resiste, dia após dia contra a sua inexistência social. A resistência de Mariana se dá justamente nesse espaço do “resto”, no qual ela pode confrontar a ordem vigente, e reafirmar-se constantemente como Mariana:

Mariana não sabe – mas saberá – que o encontro com ela foi a reafirmação da vida. Porque além de não ter celular ou rede social traz em si o cheiro forte da violência cotidiana – da infância, da juventude, da maturidade – e da exclusão. (...) Desviamos de algumas poças de lama juntos. Comemos mais uma manga e seguimos com uma trouxa de roupa que ela pegou para lavar. Assim consegue o dinheiro para o hoje. No amanhã, só pensará quando acordar. Vai vivendo um dia por vez. (LUDERMIR, 2016, p.98)

Já para Wanessa, protagonista do conto “O corpo está de mudança”, a vida é

um constante deslocamento. A ideia de deslocamento não se resume apenas à uma não-conformação com um espaço previamente demarcado ou destinado. Zilá Bernd (2007) assinala que o conceito de “deslocamento” é problemático, uma vez que pode ser entendido conforme o contexto e a cultura. O conceito aqui é empregado para designar o desconforto em relação à essencialidade das fronteiras construídas sobre os corpos e modos de ser e estar no mundo, à incomunicabilidade das várias formas de ocupação espacial e discursiva – transição, trânsito e transformação. Em outras palavras, citando Bernd (2007, p. 96), esse deslocamento ou essa “mobilidade cultural” tem a ver com uma “estratégia privilegiada para driblar as imposições das normas (linguísticas e sociais), do poder (fixo e imóvel), da doxa e dos clichês que tendem a imobilizar os discursos em processos de engessamento e coagulação”.

Na figura da protagonista desse conto, o conceito de “deslocamento” busca referir-se a um ato de “atravessamento” de um espaço previamente dado a outros espaços até então inabitáveis. Deslocar é desejar contaminar-se de espaços outros. Wanessa sabe que tem vezes que é preciso preencher vazios, e tem vezes que é necessário deixar tudo como está. Wanessa fez-se e está se fazendo Wanessa, aos poucos, com uma insistência na liberdade e no abandono de tudo aquilo que não pode levar consigo:

Wanessa está de mudança. Mais uma vez troca de lugar: transporta armário, televisão, fogão, geladeira e deixa pra trás quarto sem nada, sala sem móveis, cozinha sem louça. Leva roupas, maquiagem e vários pares de sapatos tamanho 42. Abandona tudo aquilo que não é possível levar no caminhão da transportadora. É assim a vida: deixar e preencher vazios. (LUDERMIR, 2016, p. 117)

Com uma história marcada por deslocamentos constantes: de casa em casa, criada por vizinhos parentes patrões; de “menino Wanessa” à mudança para o “corpo feminino”, o “impulso de performar mulher” (LUDERMIR, 2016, p. 118); do deslocamento do sentido das palavras:

Wanessa mudou-se de corpo. Daquele rapaz meio desengonçado e até desencontrado, surgiu uma mulher forte. Somou os efeitos do estrógeno e intervenções cirúrgicas, retoques de maquiagem e um cabelo num tom de vermelho aceso e vibrante. Escolheu a cor vermelha como endereço. (LUDERMIR, 2016, p. 119)

As possibilidades do deslocamento da personagem demonstram a instabilidade das fronteiras, e demonstram, também, como o sujeito está em constante transformação, sujeito fragmentado, não-essencial, não-estranho. Wanessa, por seu deslocamento, constrói a si mesma em devir – ser a si mesma em constante transformação, como a metáfora da mudança de corpo ser como a mudança de casa. Mas o que coloca Wanessa em posição legítima e humana nesse conto não é o fato de ter se constituído entre as violências, exclusões e deslocamentos – que

são temas compartilhados por todas as identidades trans –, mas o fato de congregarem, discursivamente, uma posição que coloca Wanessa àquilo que une todas as pessoas: “Numa vontade comum a todos os gêneros, deseja ter alguém para dormir e acordar junto (...) Querer um amor é um dos sonhos mais banais” (LUDERMIR, 2016, p. 119). O conto, então, produz uma personagem que resiste pelo deslocamento, que é concebida a partir de conflitos e marcas que fazem parte das dores da maioria das outras pessoas:

Um terceiro ângulo mostra Wanessa única, como cada uma das personagens presentes nesses relatos. Só ela tem aquele tom de vermelho no cabelo, só ela tem esse sorriso estridente, só Wanessa fez tantas mudanças de casa e de corpo, que nos lembram o quanto é necessário nos mudarmos também. (LUDERMIR, 2016, p. 120)

De fato, Wanessa não nega que exista um caráter de negação ao seu corpo e à sua vivência em sociedade nem nega a construção de um estigma que coloniza a vivência de pessoas trans, mas prefere reivindicar e construir um espaço de particularidade e de singularidade no qual possa vivenciar sua experiência como mulher trans, como humana, mudando-se de casa, de corpo, de sorriso, de cor do cabelo – sendo a si mesma, mas nunca abandonando as possibilidades de esgarçar os limites que a aprisionam em espaço único e irreduzível.

Algumas considerações

É possível considerar, por meio das ideias expostas, que a literatura contemporânea pode sim constituir-se como espaço de desconstrução de ideias normativas e cristalizadas. Tomando como foco a análise de três personagens protagonistas em contos presentes na obra *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres* (2016), do escritor e jornalista Chico Ludermir, pode-se concluir que a obra elabora formas de invenção, não só do que se entende como “mulher” e “homem”, mas também do que se entende por “travesti”, destituindo a essencialidade de tais identidades e produzindo um espaço discursivo que as pense sob o caráter da multiplicidade, em sua performatividade múltipla.

Ao trazer para o centro da discussão mulheres trans e travestis, cada uma representada em sua singularidade e subjetividade, a obra ressignifica relações de afeto, amor e desejo; revigora a potência de um olhar mais legítimo e humano às identidades abjetas, não mais pelo olhar hegemônico, adestradamente machista e heterocentrado; reafirma a necessidade de ruptura dos discursos reproduzidos como “histórias únicas”, nos dizeres de Chimamanda Adiche, e busca produzir nossas perspectivas, novos finais, novas formas de capturar e deslocar o sentido das palavras para que nelas outras pessoas, outros e outros sujeitos possam caber

– fazendo do “resto” (até então um espaço de abjeção) um espaço de enfrentamento e resistência, um espaço habitável fora do mundo de exclusão.

Portanto, mais do que uma obra de contos, o livro de Ludermir configura-se como uma clara demonstração política para se pensar a urgência do protagonismo trans e travesti – tanto no confronto com a sua voz de autor quanto nas possibilidades de empatia e alteridade criadas pelo texto –, além de um exemplo de produção artística que opera no enfrentamento das hegemonias e dos binarismos sociais e deixa a escrita, as palavras, mais próximas da vida, no sentido de Deleuze (1993): sempre como um processo inacabado, sempre por se fazer, que “extravasa toda a matéria vivível ou vivida”.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. C. Prefácio. In: LUDERMIR, C. *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016. p. 11-13.
- BELCHIOR. *Belchior a palo seco*. Continental, 1974.
- BERKINS, L. Travestis: uma identidad política. In: *Pensando los feminismos en Bolivia*. La Paz: Conexión Fondo de Emancipaciones, 2012, p. 221-228.
- BERND, Z. Figurações do deslocamento nas literaturas das Américas. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n. 30, p. 89-97, 2007.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p. 151-172.
- CHATAGNIER, J. C. Gênero e subversão: um olhar sobre as representações femininas em “The Secret Life of Bees”. In: NIGRO, C. M. C.; CHATAGNIER, J. C. (Org.). *Literatura e gênero*. São José do Rio Preto: HN Editora, 2015. p. 143-170.
- DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- DELEUZE, G. La Littérature et la Vie. *Critique et Clinique*. Minuit: Paris, 1993, p. 11-17.
- FERNANDES, C. E. A. *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas do século XX: 1960-1980*. 2016. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura Brasileira - Crítica e Interpretação, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2016.
- FIGUEIREDO, E. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 20, p. 40-55, 2018.
- INÁCIO, E. C. Sobre Geni e Gisberta: baladas, amores trágicos (ou o relato de uma experiência estética dupla, acompanhada de alguns poetas e poemas). In: LUGARINHO, M. C. (Org.). *Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer*. 1 ed. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2012, p. 31-38.

KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LUDERMIR, C. *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016.

_____. Dos encontros que tornam bela a incompletude. *Suplemento Pernambuco*, Recife, v. 134, p.3-3, abr. 2017. Mensal. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores/67-bastidores/1832-encontros-que-tornam-bela-a-incompletude.html>. Acesso em: 19 jul. 2018.

MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*, Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassexual: políticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

NIGRO, C. M. C. Introdução. In: NIGRO, C. M. C.; CHATAGNIER, J. C. (Org). *Literatura e gênero*. São José do Rio Preto: HN Editora, 2015. p. 15-22.

SONTAG, S. *Ao mesmo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa "Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX" - <https://www.fclar.unesp.br/#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/estudos-da-sexualidade/apresentacao>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 85, 87

Acre 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 113, 114, 149

Adaptação escolar 84, 85, 87

Alteridade 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 243

Análise de conteúdo 25, 29, 33, 206

Aprendizagem pela prática 97, 102, 103

Aprendizagem significativa 123, 124, 125, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 213

Autoria 36, 49, 152, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176

C

Ciência 16, 42, 50, 52, 55, 56, 66, 97, 99, 100, 108, 109, 181, 182, 184, 187, 201, 202, 206, 207, 211, 220

Competências linguísticas 1, 4, 7, 11, 12, 171

Comunicação 6, 8, 9, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 37, 50, 51, 70, 78, 87, 91, 112, 114, 131, 174, 179, 181, 190, 191, 222, 225, 226

D

Didática profissional 97, 98, 99, 103, 104

Dinâmica da terra 15, 16, 17, 19

E

Educação de jovens e adultos 71, 72, 73, 78, 80, 82, 83, 113, 114, 194

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 35, 36, 37, 41, 49, 50, 52, 55, 56, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 129, 130, 131, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 161, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 194, 195, 201, 202, 205, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 245

Ensino aprendizagem 64, 66, 69, 83, 88, 119, 180, 182, 183

Escola acessível 85

F

Ferramenta didática 88, 89, 91, 94

G

Gamificação 35, 37, 38, 39, 48, 49, 50, 51

Gamificação no ensino superior 35

H

Horta 149, 150, 151, 152, 153

I

Identidade 27, 79, 124, 126, 128, 143, 144, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 214, 215, 218, 219, 230, 231, 235, 237, 238, 239, 240, 243, 244

Inserção social 1, 6, 56

J

Jogo digital 67, 123, 124, 125

Jovens 50, 69, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 113, 114, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 194

L

Literatura infanto-juvenil 140, 141, 142, 145, 181

M

Maquetes 15, 16, 17, 18, 19

Matemática 44, 55, 83, 96, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 151, 152, 180

Metalografia 97, 103, 104

Metodologias ativas de ensino 97, 102

N

Novos saberes 123, 124

O

Oralidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 34, 220, 221, 223, 224, 225, 226

P

Paródias 15, 16, 17, 18, 21, 22

Perfil de alunos 71, 73, 78, 80

Pesquisa ensino e aprendizagem 149

Projeto de aprendizagem gamificado 35

Q

Queimadas 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Química 50, 55, 57, 70, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 107, 123, 126, 139

R

Rádio 25, 27, 28, 29, 32, 33, 34

Região dos inconfidentes 71, 73, 75, 79

S

Sala de aula invertida 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96

Seleção de materiais 97, 99, 100

Semiárido 25, 26, 30, 31, 32, 33

Sentidos 28, 105, 107, 109, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 175, 228, 234

Silenciamentos. 171

Simple soroban 113, 114, 117

Sociedade 3, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 16, 26, 32, 38, 42, 52, 55, 56, 57, 61, 75, 89, 94, 122, 131, 136, 138, 141, 143, 145, 147, 155, 167, 169, 170, 172, 174, 175, 177, 182, 184, 187, 204, 206, 210, 211, 212, 220, 221, 223, 227, 235, 242

Spot 25, 28, 29, 30, 31, 32

T

Tecnologia 21, 23, 38, 39, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 58, 66, 68, 69, 70, 90, 95, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 133, 190, 202, 213, 220

Tecnologia da informação 114, 213

Trabalho 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 42, 43, 45, 50, 51, 52, 56, 57, 62, 66, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 88, 89, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 108, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 125, 126, 129, 136, 140, 149, 150, 151, 152, 155, 166, 169, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 204, 210, 212, 213, 214, 222, 226, 236, 239

Tradução intercultural 140, 142, 145, 147

Transdisciplinaridade 50, 149, 150

V

Vídeos 15, 16, 17, 18, 21, 22, 35, 56, 63, 92, 93, 94, 152, 183

